SALTANDO ONDAS... FUGINDO DE PORTOS SEGUROS

Ricardo Preusz Spilborghs

Prosas e versos, conversa entre séculos

SALTANDO ONDAS...
FUGINDO DE PORTOS SEGUROS

Ricardo Preusz Spilborghs

setembro 2020

Quem se aventurar por estas
páginas, vai adentrar um mar tão
incerto quanto o de um coração que
com ânsia, medo, ousadia, dores e
alegrias navega o mar do tempo.
O correr das milhas, latitudes, rumos,
te contarão, antes de tudo, sobre
a liberdade pra saltar ondas e fugir
de portos seguros... mas também
sobre os sentimentos e emoções
que, como fios de linha, costuram o
tecido da vela de nossa embarcação
e nos dão a possibilidade, apenas
a possibilidade... de estarmos
diante das mais singelas e humanas
paisagens até as mais deslumbrantes.
Boa viagem!

LUCILA PESSOA

SÃO PAULO 1976 – 1983

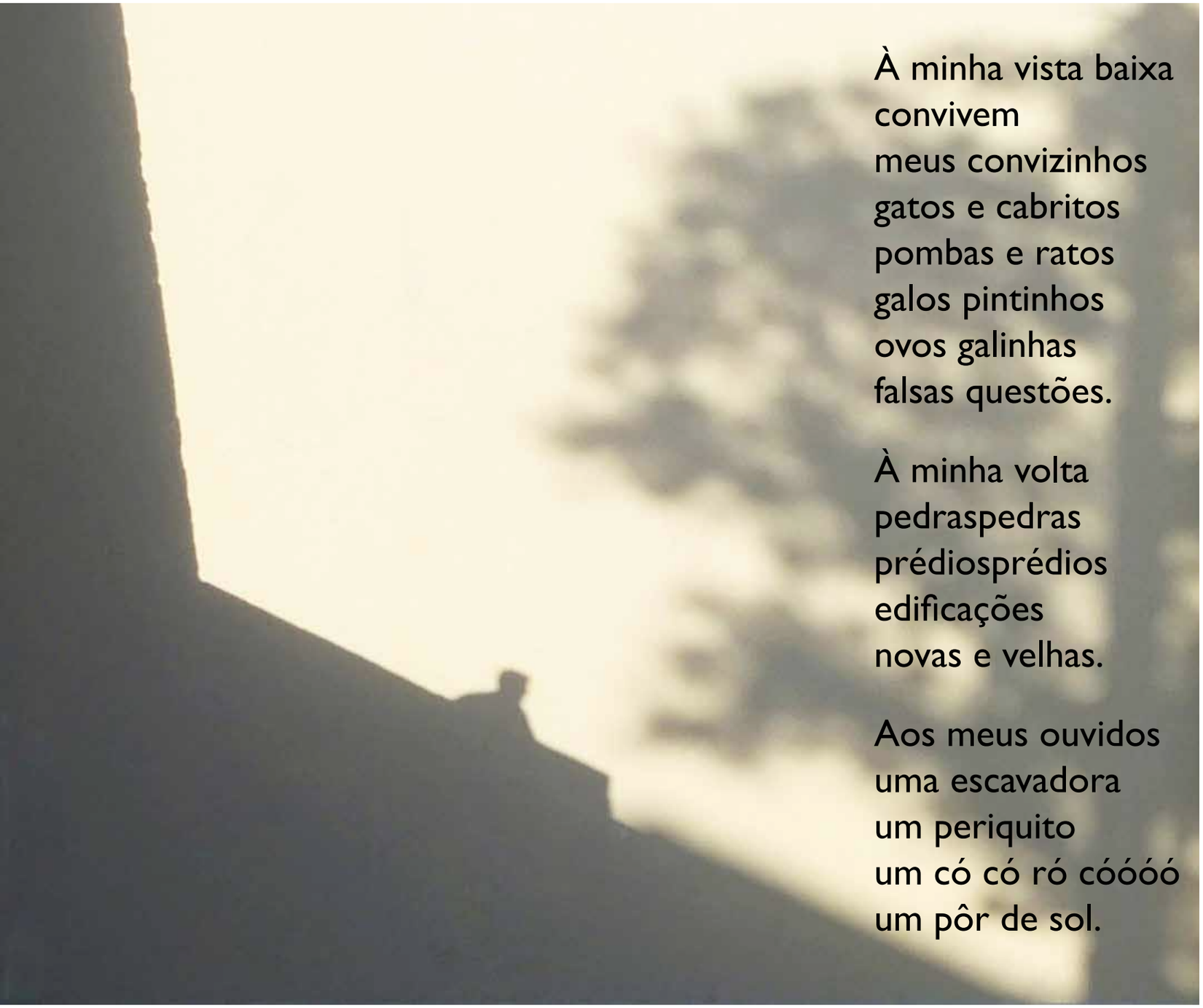
SEU CHAMINÉ

Em frente de casa
há muitos senhores
a perder de vista
no horizonte
se quiser.
Quem dera...

Mas o que mais admiro
é este senhor
o Seu Chaminé.

Nunca soltou
fumaça de lá
e muito menos
reprovou
as queimas daqui.

AQUI, TÃO ALTO



À minha vista baixa
convivem
meus convizinhos
gatos e cabritos
pombas e ratos
galos pintinhos
ovos galinhas
falsas questões.

À minha volta
pedraspedras
prédiosprédios
edificações
novas e velhas.

Aos meus ouvidos
uma escavadora
um periquito
um có có ró cóóóó
um pôr de sol.

À minha vista alta
o espaço
o tal do céu
um som que apenas me emociona
mas não aciona.
Em mim que ao contrário
sou eu também
um apenas perguntar:
do eu doído
do teu constante descontente
do suor de hoje que não é trabalho
não é medo (só)
não é sol (também)
aqui, tão alto.

DEPOIS DE TANTOS PUDERAS

Pondera:
nem só de ondas vive o marinheiro
seus companheiros
nem só de portos.
A brisa passa hoje despercebida
o respirar é mais que atracar
é atrair.

Engatinhando
pé a pé
correndo como o tombo do saci.
Garrafas, ora garrafas!
A que o prende
certo dia dançou entre correntes
foi beijada por peixes
ansiada por marujos secos de sal
admirada por transformar-se em espelho
pelo sol pela lua
sereias.

Quando estes não a viam
estrelas se comprometiam comprová-lo:
bastava piscar,
amor,
luz.

Bastou uma rolha para tirar da garrafa
o papel, estórias
ou apelo reais de auxílio:
Gritos – sempre os últimos.

Bastou uma rolha
para apagar um cachimbo
desarrumar uma touca vermelha
desapontar o personagem.

PROIBIDO FALAR
COM O MALABARISTA

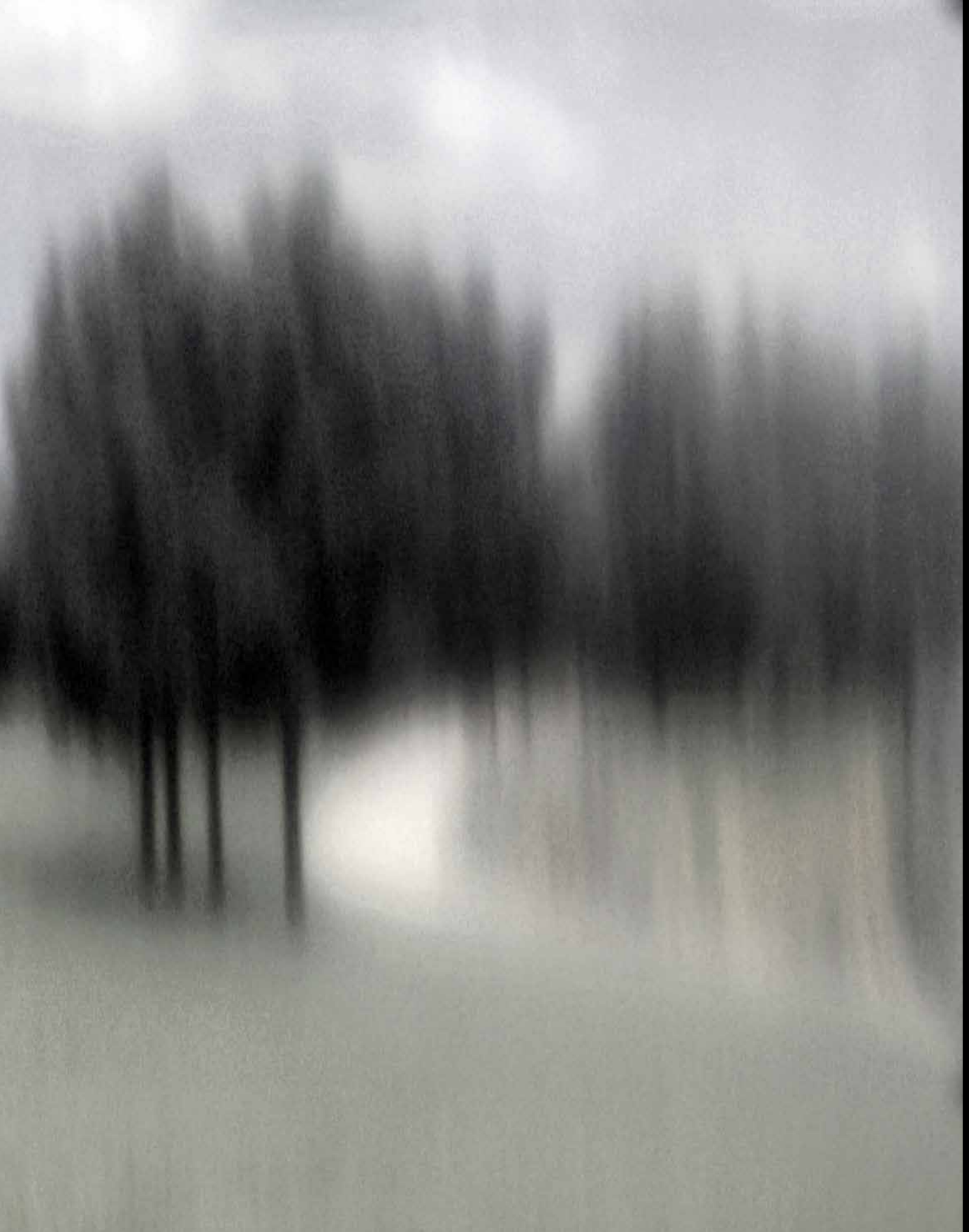
Não bastavam mais avisos
a irrequieta platéia
não se contentava
com os estalos do chicote
da tranquila domadora.

O mágico se confundia com todos
e por sorte desaparecia.
Os palhaços eram os equilibristas
estar de pé já era o suficiente
e do chão não saíam.
Sorrir era coisa do passado.

As feras não tinham força
para fugir ou rugir
apenas fulgiam.

No final, a grande apresentação
nos malabares sem hesitação
passar bolas, garrafas,
noites mal dormidas
olheiras atentadas
sob olhos rápidos
...e as mãos cálidas.

Para terminar tudo rodando.
Nosso malabarista joga tudo para cima
acende a bituca do cigarro
e bota fogo no cerco.



POR ENQUANTO

Por enquanto
café e cigarro
já não tanto açúcar
pois muito se perdeu do negro.
Fumaça
do tempo que quiser.
Em sinais,
um pouco do espelho de cada dia
em espelhos, a transformação presente
nem sempre na pressa, no interesse,
nas alegrias.

Por enquanto
café e cigarro
do quente nem sempre fresco
na brasa a certeza da aproximação
do cinzeiro.
Junto com tantas cinzas
meu desejo póstumo
a vontade de fumar outros
num último trago
e um grande gole de negro
por enquanto...

URANO

Quanto ao confronto
menos calma
do que quanto ao conforto.
Quando se morava no alto
eram treze andares de tanta altura
só de imaginar
um pouquinho mais alto
se voava...

Hoje,
bem no meio de maio
numa rua de nome mágico (Wizard)
mora-se nos baixos
se quiser chame de porão
e se continua a voar
num confortável confronto
teto alto, pouca luz, vôo raso.

P.S. Saudades do meu gato Urano
foi-se embora
durante meus sonhos.

OS DIAS

Foi a partir de ontem que decidi
escrever todos os dias.
Os motivos: quaisquer...
noites bem dormidas
para esquecer as mal.

Dias,
pois também deixei de vê-los.
Traição,
só a entendi na força da rima.
E o amor
que de tão grande
me fez quebrar as sílabas
esticar as palavras
e encarar as ditas.

PASSAGEM DE ANO

A aparência retrata o dia a dia
do possível ao impossível
o reflexo do indivíduo
na sua vida mortal
como se a transfiguração
não fosse real
e sua sugestão tão profunda
como sua cova futura
e tão presente
como uma pupila dilatada
congestionada
por objetos estranhos
mas com enorme indiferença.

QUARTO DE SÉCULO

Tenho sonhado tanto
e apesar de querer
consigo lembrar
dos percorridos caminhos
que não se passam só à noite
que não passo só.

E dentro dessas sensações
quantas não me encontro preso
pois noutras também posso voar
nos espaços entre tanta gente que,
quem sabe, não tenham esbarrado
neste meu quarto
de século de sonhos.

ANUNCIADA POESIA INUNDADA

Para Décio Pignatari

Invocar sentimentos
a ponto das lágrimas
escorrerem
e queimar a face perturbada
pela insônia
até desfigurá-la
e transformá-la
em tímido vapor
que se mistura
com nuvens pesadas
escuras
e a chuva lenta
a afogar
todos que a contemplam.

FUGAS E PRISÕES

As palavras têm me cercado
tantas vezes
que chego a usá-las sem as suas
devidas autorizações.
Falo das variações do espírito
das marcas no corpo derivadas da paixão
nos avanços e recuos em tantas lutas
nas causas e efeitos da massacrada natureza.

O problema então se coloca pra mim
no perguntar das minhas perguntas
e no responder das minhas respostas
que se repetem
entre fugas e prisões
passíveis de inverso
neste universo
entre eu, minha caneta, que estão no fim
e o leitor
que pouco importará que sou.

O REMÉDIO É PREVENIR

Foi numa noite de muito riso
não pela notícia de jornal
apesar desta ter causado algum.

Pudéssemos mudar a situação
com uma grande gargalhada
pela rir evolução
pela rir viravolta
soltando os dentes
sem aquele aperto que leva ao sangue.
Deixar os dedos agirem
não pela agilidade
do apertar gatilho
do puxar a corda
ou em riste
como sempre fizeram com os que tem as mãos
para se enxugar do calor
para se esquentar do frio
para estilhaçá-las e exigir o real valor
dos calos das palavras.

Mas a cada passo
a dita dor se transforma.
Quem ri por último
cedo madruga
um pássaro na mão
virou ilusão.

ENTRE FUMAÇAS

Entre fumaças
e outras
me deparo com arlequins
com seus guizos
olhos
bocas pintadas.
Isto tampouco me abala
seu dançar é um convite
sua canção
não me traz o brilho dos seus dentes
pois não os têm.
Agora procuro acompanhá-los
nada mais me prende.
Suas mãos atiçam as minhas
feito cobra
que aguarda a presa
pra nunca mais soltá-la.

Seus passos são altos
e eu não me limito mais a observar
rodopio
estou aberto pra acreditar
que no fim do esfumaçar
num último rodopio
no despertar, no ar
alegre crime
morte arlequim.

E ELAS...

Pelo próprio papel
nem todos poderiam ver
nem saber
mas alguns até saborear.

Nesse bar me neguei a consumir
com a certeza de quem tanto quer.

Aqui as cadeiras são giratórias
como tudo o mais...
O enrolar dos dedos no cabelo
os pés entrelaçados sob a mesa
no lugar das mãos... algum receio
e elas são tão bonitas.

Só o bocejar de quem serve
não acompanha:
o abrir das garrafas
o calor da chapa
o fechar da caixa registradora
o beijo que elas não deram.

ALICE EM BUSCA DO ESPELHO

Crer que poderia deixar de ser
uma menina tranquila
crer que poderia deixar de ser
uma menina travessa
corre, corre menina
tudo te espera crescer.

E estes pelos em teu corpo
que a água turva insiste em mostrar?
corre, corre menina
teus caminhos mais olhos vão seguir
e moço, moça, moço
te vão gostar
e moça, moço, moça
te vão querer.

O TEMPO

O tempo
“passa, passa, três vezes”
não tem últimos
ninguém mais é pequeno
brincam e brigam
choram e riem.

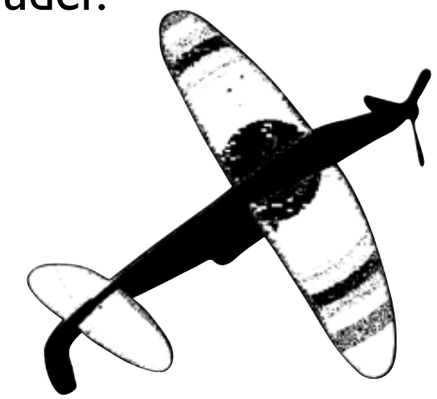
Muitas vezes interferimos
e nos dizem com toda a sinceridade
— vai tomar no cuco, cara de pauzinho!

Estão quase todos com três anos
na metade algumas tantas palavras
na metade da metade as tentativas
para o fim do engatinhar
na metade da metade da metade
um grande amor.

Nisso tudo nós no meio
com tinta, cola e barro
alguns inconfundíveis xixis e cocôs
os olhos sem parar
e quem disse que a gente não chora?

DE BUNDA

Quebra-quebra
puxa-puxa
crianças
que estas não sejam as últimas
não serão!
Que estas não sejam as únicas
não serão!
E se elas lhe derem muito trabalho
soluços
engasgos
babas
descer escadas de bunda,
lembre-se deste dia
e ria se puder.



OBSERVAÇÃO

No meio de tantos gritos
aqui só alegria
pincéis com tanta tinta
entre formas e cores.
Minha mão também colore
um pouco nessa folia
meus olhos
se espalham
se perdem se acham
num anarcoiris.

PÁLIDOS BADALOS

O que é a despedida
diante de tantos pedidos?
Pálidos badalos de um único sino.
O tocar se ouve mais fundo
como se não pudesse mais parar.

Querer esperar retorno
do mais apertado peito,
feito concha
deixada na areia
esquecida, cravada,
onde nem onda mais forte, atrevida,
ousou tirar.

Como testemunhas, céu, estrelas,
outras galáxias que no seu brilho
não reparam o aqui, apenas separam.

Nesta partida nem tanto adeus
ou lusco-fusco de pequenos olhos
que se acusam ao mentir.

Se falo de luz lembro que nem tudo é.
Se falo de trevas dizem que me queixo.
Ponho a mão no meu,
e vejo estátuas que suspiram
arqueadas pelos séculos.

OLHO PRO CÉU

Olho pro céu
ainda estranho aviões.

Não me incomodam as pombas
que se encolhem ao vento de outono
pois o sol ainda insiste.
Neste todo voar
nenhuma certeza, o que é do ar
o que é do chão.

Por entre pontes todos passam
todo sentido é pouco
por cima por baixo
não existindo mão a favor.
Pedras sobre a terra
roupa molhada querendo secar.
Barra da calça a se desfazer
carretel sem linha
agulha sem olho.

ROSTOS CANSADOS

Arrisco no pula-pula do ônibus
a leitura da *Ode Marítima* de Álvaro de Campos
meu caminho é o do trabalho.
Que pensam outros passageiros
durante minha pausa?
Hoje viajo sentado
para o bem de minha aflição.

Viajo longe e me sinto
no *paquete* da *Ode*,
finjo que não conheço o paradeiro.
Odor forte de perfume
que um dia foi barato.
Os corpos não param de se tocar
com todo o pavor do sacudir.

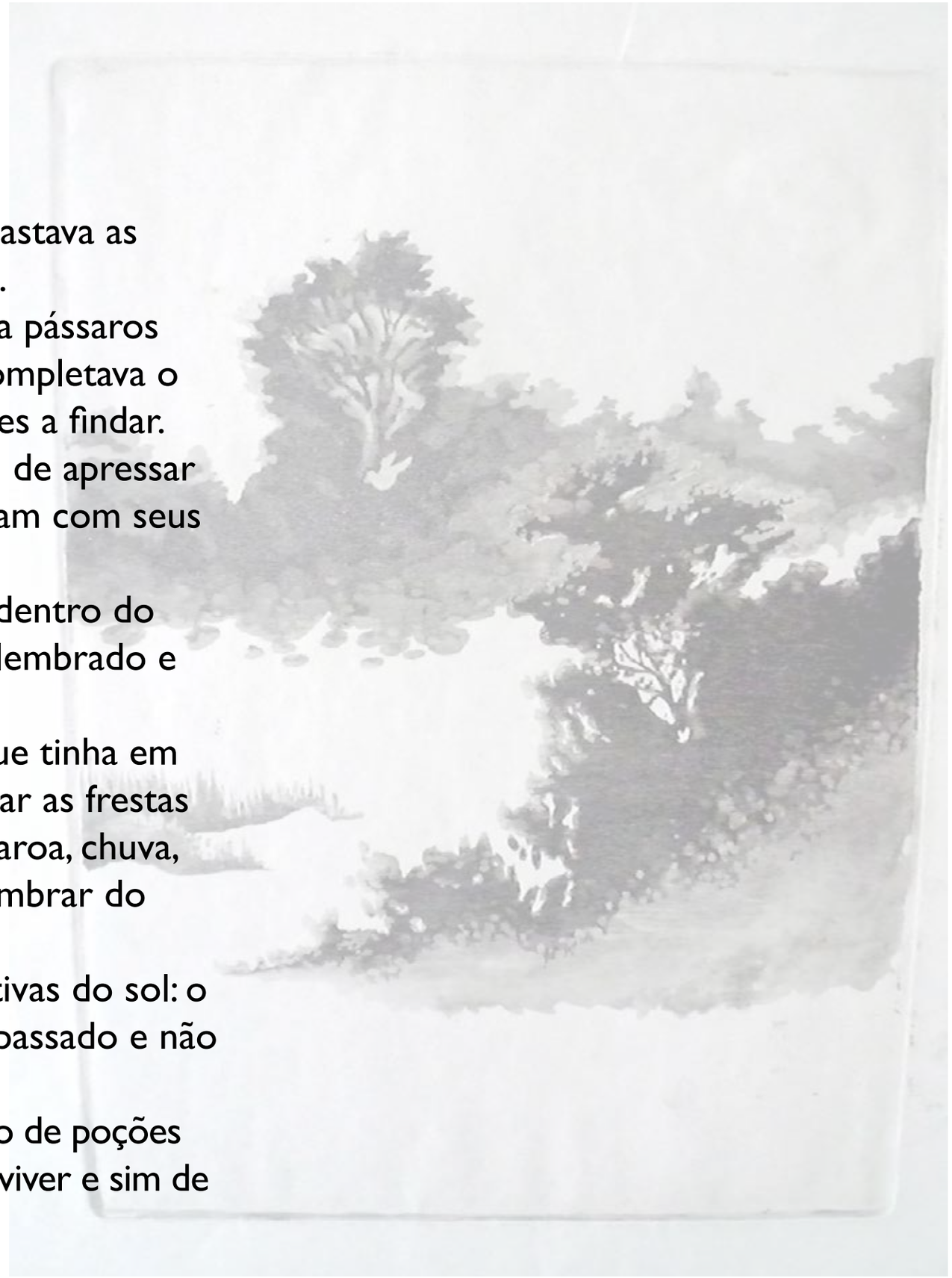
O vapor é da destilação do suor
da ancestral e eterna obrigação: sobreviver!
A quem compete o registro além de mim?
Causas, enfrentamentos
e me disponho a carregar sacolas
outrora pacotes mal embrulhados
que unem o universo
da miséria ao do bom-tom.

E agora todos mais apertados
nem pedidos, nem licença
ninguém reclama
jovens assoviam "... de um povo heróico..."
deserdados e sonolentos.

Quem consegue um assento
se permite dormir
quem consegue lugar em pé
se permite apertar
quem consegue um lugar
pendurado na porta
não permite que a fechem
quem não conseguiu subir
se permite esperar o próximo ônibus
com a certeza e única
que é o fim de outra tarde heróica.

PAUSA

Aqui o sonho nem começou. Não bastava as frutas se mostrarem amadurecendo.
Casualmente se colhia ou se avistava pássaros bicando. Era apodrecendo que se completava o ciclo parecendo incompleto e prestes a findar.
Morcegos na noite se encarregavam de apressar a colheita certos de que outros viriam com seus vôos, risos e guinchos rasantes.
O orvalho perdeu sua importância dentro do índice pluviométrico, sendo apenas lembrado e contido no verso.
Só que o poeta pelas dificuldades que tinha em abrir janelas (ou a insistência de olhar as frestas para colher diferenças do que era garoa, chuva, inundação ou orvalho) e por não lembrar do choro, chorava.
As trilhas se modificavam nas tentativas do sol: o que era caminho futuro se tornava passado e não havia contrário.
Cobras e lagartos saíam em busca não de poções mágicas inadequadas neste arrastado viver e sim de



bocas surpresas constatando que não há apenas um percurso. O que não há é o curso, o percalço sim.
Se estrelas neste espaço se mostravam, era tanto exclamar e um tentar contá-las. Era o lugar desejado, temido, mas sem o medo das verrugas, desencantos ou profecias apocalípticas.
O sabor era o pisca-olhos e multiplicá-las em progressão geométrica.
Saber da luz de determinadas estrelas e estas não existem mais. Que seus anos-luz vêm até nós, redobram o brilho dos olhos apagando pupilas, ofuscando trevas.
A cada tentativa de amanhecer, uma gota de chuva para cada estrela. Os pingos na manhã advertidos pelo lamento do galo anunciam que no céu o brilho que correu, riscou, iluminou, será confundido por outros e lembrado que foi espiado pela fresta devido a dificuldades de levantar as janelas. Nos olhos as lágrimas.
Uma pausa para o orvalho.

O texto é coisa duende: se mantém na pulsação.
O resto são imagens pirilampas na velocidade da luz
signos imigrantes ("plantam-se frutas, colhem-se pássaros")
que se diluem na alquimia do verão
("risos e guinchos rasantes... percurso... curso... percalço...")
e instauram um mundo aquático que imerge leitor e estrelas.
Pausa, trégua contra a morte.
Coisa de mágico ou de poeta.

RUBIA GOLDONI

QUE ALEGRIA

Não chove mais
o corpo meio estranho
e não me atrevo a nenhum diagnóstico,
entre tantos possíveis
nesta desintegração terrena.

Ao pó mais uma pá
de todo esse meu tempo.
Porque preferir as cinzas?
se cheguei a pensar num retorno
menos líquido: lama?

E reaparece o sol que a tudo aquece
que alegria para meu espírito...
Seco, continuo pulando pelas ruas
para não alterar
o curso das poças d'água.

RIO DE JANEIRO 1984

AINDA É CEDO

Fico me debatendo nas prateleiras com antigos
livros, esperando que algum sossegue meus anseios.
Bela escapatória para quem não compreende as
práticas recentes!
Durante as tentativas, entre retiradas de poeira
(leitura rápida, insatisfeita) surgem esses e
outros manuscritos engrossando as resmas
tampouco editadas.
Que glória para a nossa precária sociedade
letrada!
A ironia tem me acompanhado mais de perto,
como quem teme um dia (e um dia é suficiente)
o gosto amargo da realidade.
Os olhos quase se negando a crer!
Não é à toa que encontro diariamente o livro
certo para satisfação momentânea das minhas
dúvidas encarceradas.
Parto para ruas, praças, coletivos, gabinetes,
sempre me lembrando das guerras.
Desse peso, meus braços nunca se queixaram!
Não me preocupo mais com taxações
que vêm das bocas cheias de insurreição,

mas por descuido apelo – "Abaixo a
pedantocracia bacharelesca".
A reprodução e continuidade do narcisismo
me narcotiza, escancara meus equinos brios.
Esbugalha e mareja meus olhos.
Havia paciência com meus alunos, porque tinham
comigo. A eles sou agradecido!
Volto aos meus livros, agradeço ao Pessoa,
aos heterônimos, aos meus ataques estéticos pela
dúvida, e a uma saudade por não ter aproveitado
o momento, desengasgado e soletrado em baixo
tom — As pessoas se entendem muito tarde
e a morte é companheira incansável.

Ainda é cedo da noite no Morro da
Cachoeirinha, um pequeno tiroteio não espanta
os cachorros latindo.

CINELÂNDIA

São apenas impressões
que se mostram aos olhos mais atentos.
Esse percurso cotidiano não se limita ao raio de 180º
depurando ou curtindo tudo que a vista alcança.

É certo que a atenção redobrada
entre o susto e a pesquisa levam aos 360º
implodindo o acúmulo das cenas armazenadas.

Novamente sem desespero!
Não me importa os olhares frios esmiuçando
os passos lentos dos pedestres desocupados.
Poucos alteram essa paisagem
desequilibrando a morosidade,
mas não transferem o cenário
que descobre a certeza do dia seguinte.

Justamente aqui não se busca, se encontra!

A carência na sua potência levada ao máximo
subleva a sobrevivência.
A miséria nossa de cada dia
desenrola os sadios discursos
para nenhum hiper-realista botar defeito.

Nao há porque descobrir mais causas
basta o cerco aos monumentos elevados
numa época que pretendeu ser áurea.
E não é o odor de urina que me causa náusea.

De qualquer forma revisto meus puídos bolsos
dou a volta na praça no mesmo passo indigente
escapo de duas ou três crianças
mas não das notícias e pantomimas
aclamadas nas rodas
nem sempre dispersadas pelas autoridades
com ordens circenses
de que o palco não pode ser ali.

Serão essas crianças
com suas futuras armas
frias ou quentes
espumando restos da decadência
que nos abraçarão?

Ah! se não fosse por nossa cultura clandestina
nunca seríamos um dos palcos mais desejados.

Salve esta apoteose diária!

E o Teatro Municipal se apressa em fechar suas
portas... mas sorri para tanta habilidade.

PAMPLONA/IRUÑA 2008 – 2020

AS VIDAS DE ZULMA

Mais além de mil estampas
nos adentramos em esperanças
em encontros e desencontros
mares de areia
e tantos mares nunca vistos.

Deixaram e trouxeram descendentes
criaram tantas vidas
como expectativas
que nunca morrem.

A alegria se mostra
entre luzes opacas.
Na nova estância
as paisagens trazem a memória
que nunca se engana
e uma mirada rápida
recupera a cumplicidade
de que uma mulher
“é sempre uma mulher”.

NI TODAS

Ni todas somos lobas
ni estamos loca
por ningún bicho raro.

Ni todas estamos solas
ni bien acompañadas por un galán azucarado
ni todas estamos bien amadas
ni todas somos solo corazón
ni todas somos cariñosas
ni todas solo razón.
Todas no estamos para todo
no somos como un puzzle
no somos piezas de quita y pon.

Loca loca loca

El camino se debe hacer juntos
pero no todos... ni todas
ni todas estamos solas
ni bien acompañadas.

No queremos ser princesas
tampoco queremos ser brujas.
¿Quién dice que haber las haya? Es porque nos gusta!
A veces nos hacen ser invisibles
y nadie nos quiere ver
no estamos en todas las partes
basta de cielos, celos, infiernos.

Ni todas somos madres ni esposas
ni todas decimos todo
ni todas escuchamos lo que sea, sin opinión.

Todas no estamos para lo que venga
así que mejor que se vayan
sin una canción de perdón, de disculpas,
porque ni todas canciones son buenas para cantar,
ni para bailar.

Loca loca loca

QUE É ISTO? ISTO O QUE É?

O que vês é o resultado
de milésimos de segundos
um olho que vê, o outro que não...

O resultado está tratado
ou maltratado
como a vida mesma.

Não tem porque gostar
Não tem porque sentir
tudo está aí.

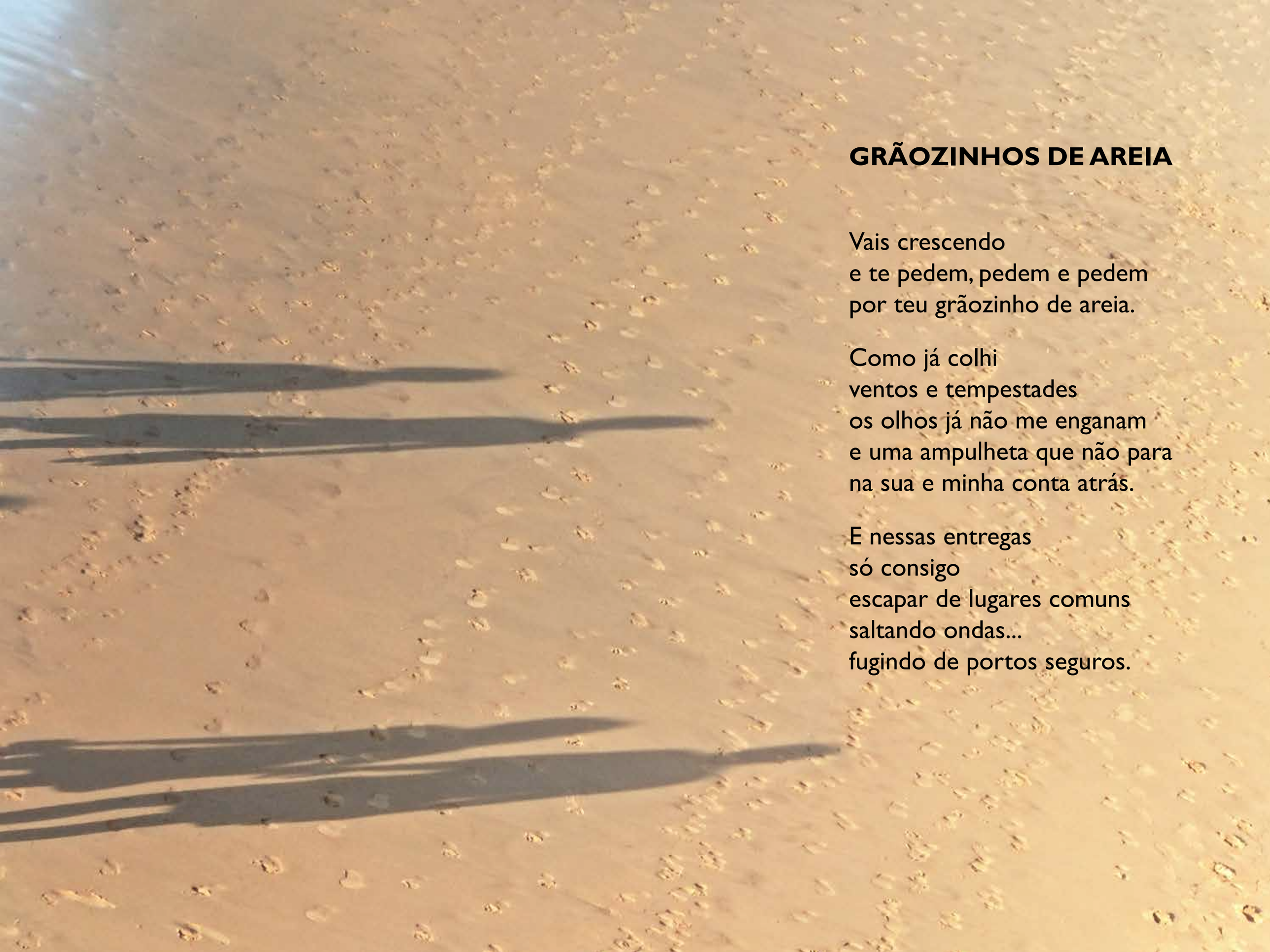
Não tem porque buscar,
o jogo está terminado
ao entrar e sair da foto
e de alguma grafia.

DE PAMPLONA A IRUÑA

Entro pelo Portal de Francia
(nada triunfante)
junto com outros caminhantes
desconhecidos peregrinos.
Pés negros
com ou sem calos
em busca de nenhuma purificação
no final do caminho.

No ir e vir do Bairro Chinês
aonde ainda se encontram poucos
do coletivo
sigo tropeçando
nos últimos paralelepípedos
procurando não esquecer
egun on, zer moduz, eskerrik Asko, berdin, agur.

Perdido entre os três Burgos
não vejo nenhuma Rua Pamplona
e na cidade de Iruña
se abrem todas as possibilidades
(e espero não confundir-me)
e só quero estar bem
seja em uma ou em outra.



GRÃOZINHOS DE AREIA

Vais crescendo
e te pedem, pedem e pedem
por teu grãozinho de areia.

Como já colhi
ventos e tempestades
os olhos já não me enganam
e uma ampulheta que não para
na sua e minha conta atrás.

E nessas entregas
só consigo
escapar de lugares comuns
saltando ondas...
fugindo de portos seguros.

sinto mais frio. Por sorte aqui
o sol que bate aquece este pequen
Por que passo tanto tempo olhando a
chegaram até aqui em minha Serv
daqui, mesmo que fosse para manter

Lugares. Sempre os lugares
o deixará-lá-los. Quantas v
fotos, os pequenos desenho
oro. Outros a vontade de re
ber que não serão o/s mesmo
disposição e coragem. Porqu
me traz recordações e angú
Mesmo que não seja as que

não serão o/s mesmos? Nada será o mesmo. Não tenho a
ão e coragem. Porque me engano e permaneço nesta casa
recordações e angústias? porque não convivo com a sau-
ne não seja as que não vivi? Afinal o que tenho vivido?
da mais que lembranças.Veja esta casa no retrato.Não é
e da minha. As plantas que a rodeiam, o jardim tratado,
reira e da cozinha, o sotão. A diferença é que há mais luz
ferença é a luz no sótão.Luz. Nessa casa, ondeconfesso,
como moradia, procurei iluminar todos os espaços onde po

Faltava-nos saber, ou melhor, sempre soubemos que uma canção infantil nos quebra e esfacela. Então, o que era encantamento e jogo na frágil roda giratória na qual saltávamos de mãos dadas pode-se descobrir logo como sendo motivo de angustiosa inquietação. Esta inquietação se reconhece como causada pela ideia de que o mundo poder-se-ia ordenar segundo uma série de homenagens lúdicas, onde cada instante teria valor por si, evocando-nos assim o mínimo e também por isso mesmo, o absoluto império de liberdade.

Fatalmente, porém, esse instante, essa liberdade, essa deidade arbitrária do jogo, deve deixar passo imediatamente ao sentimento de que a realidade vem para recuperar energicamente os sonhos, proclamando com voz rude que "a festa acabou" e convidando a olhar ao redor para ensinar a forma mais habilidosa de sacrificar a lembrança elementar e deliciosa dos dias em que "descíamos as escadas de bunda".

A poesia de Ricardo surpreende a vida no momento mesmo em que se dá essa advertência feita sacrifício. O que fica entregue ao trabalho poético, então, é esse momento soberbo, cruel e risonho em que uma canção remota é expropriada. Por isso, ou não sabíamos que elas eram perecíveis ou sempre tivemos a consciência disso. No entanto, Ricardo não se conforma com nenhuma dessas possibilidades e entrega um outro saber: desta vez sobre esse preciso e irrepetível instante em que o jogo existe, para já entrar na dimensão em que não existirá mais. São momentos de dilaceramento, de desespero ou de festa, porque é aí que se deve pensar a felicidade do esquecimento como algo que poderia bem durar mais um pouco, ou ao invés, que o assalto da severa realidade por fim chegou sem impedir-nos os passados benefícios da dança.

Por ter identificado justamente esse lugar – o lugar em que algo se quebra – é que a poesia de Ricardo compartilha necessariamente um sentimento dúbio e fronteiriço, capaz de conter a parte que se perde e o anúncio desinteressado e cauteloso da parte que vem aí.

Talvez deva-se aos efeitos perturbadores que exerce sobre a visão esse território especial do qual Ricardo tem-se apropriado, que os homens se vêem à distância, detrás de uma fumaça ou "no fim do esfumaçar". Porém, também contemplamos "um homem puxando carroça de feixe de lenha, arrumando o fecho do relógio" ou senão, "galos, pintinhos, ovos, galinhas." É o canto do cotidiano. No entanto, Ricardo lembrará que essa cotidianeidade pode-se elevar ao estágio de "falsa questão". Então, os objetos se consagram à distância, embora seja a distância mesma o que permite ver os homens.

Torna-se forte a poesia de Ricardo nesse ir e vir das coisas procurando sua distância e a distância interpondo-se, entre fumaças, às coisas. Descobrir algo que se esvanece – e esse transito é o que faz com que a realidade se esvaneça – significa que o poeta trabalha para nos poupar do exercício infeliz de ter que voltar para rearmar todas as proporções abaladas pela falta de correspondência das figuras humanas com os objetos.

A não correspondência momentânea é o que o poeta festeja no "senhor cuja chaminé nunca soltou fumaça e nunca reprovou as queimas daqui". Destas pequenas desobediências da lógica, próprias dos jogos infantis é que Ricardo tira seu verso.

Ele foi vendo as coisas mudarem exteriormente e veio, na viagem de retorno, com o propósito de alinhavá-las por dentro em uma outra ordem livre e humana.

Falta-me aclarar que Ricardo faz essas viagens nessa sua etérea motocicleta, que não sei porque sempre me pareceu de brinquedo.

HORACIO GONZÁLEZ

SOBRE O AUTOR

OBRA ABERTA E MEIO COMPLETA
Ricardo Preuz Spilborghs pra lá de formações acadêmicas é fotógrafo ocasional e mantém quase 40 anos de escritos guardados que o acompanham contando seus passos migratórios.

Cabe ressaltar que é descendente de migrantes, imigrantes e emigrantes. E não se resume apenas a conceitos, foi e é por pura sobrevivência. A ordem não alterou o produto e assim ele é o resultado dessa soma de genes e de gentes...

Uns avós austro-húngaros com os Subias, outros avós flamencos (de Flandres) com os de Minas Gerais, estes antes com os portugueses, com os tupis.

Mãe de Stuttgart com o pai de Camanducaia – Ricardo paulistano, e o filho carioca da gema, hoje em dia volta e meia na Áustria...

De São Paulo foi para o Rio de Janeiro, depois para Madrid e de Madrid a Pamplona/ Iruña em 1992. Foi na Rua Pamplona em São Paulo, onde nasceu, que tudo começou.

Isto sim é uma obra aberta...

SALTANDO ONDAS...
FUGINDO DE PORTOS SEGUROS

LISTA DE TEXTOS

SÃO PAULO 1976 – 1983 • SEU CHAMINÉ • AQUI, TÃO ALTO • DEPOIS DE TANTOS PUDERAS • PROIBIDO FALAR COM O MALABARISTA • POR ENQUANTO • URANO • PASSAGEM DE ANO • QUARTO DE SÉCULO • ANUNCIADA POESIA INUNDADA • FUGAS E PRISÕES • O REMÉDIO É PREVENIR • ENTRE FUMAÇAS • E ELAS • ALICE EM BUSCA DO ESPELHO • DE BUNDA • O TEMPO • OBSERVAÇÃO • PÁLIDOS BADALOS • OLHO PRO CÉU • ROSTOS CANSADOS • PAUSA • TÃO SÓ, SÓ TÃO • QUE ALEGRIA • **RIO DE JANEIRO 1984** • AINDA É CEDO • CINELÂNDIA • **PAMPLONA/ IRUÑA 2008 – 2020** • AS VIDAS DE ZULMA • NI TODAS • QUE É ISTO? ISTO O QUE É? • DE PAMPLONA A IRUÑA • GRÃOZINHOS DE AREIA

IMAGENS

FOTOGRAFIAS DE RICARDO PREUSZ SPILBORGHS, À EXCEÇÃO DE:
• FOTOGRAFIA DO POEMA *ALICE EM BUSCA DO ESPELHO,* DE AUTORIA DE CHARLES DODGSON, NOME REAL DE LEWIS CARROLL (1858)
• FOTOGRAFIA QUE ACOMPANHA O TEXTO *SOBRE O AUTOR*, DE AUTORIA DE DANIELA SCHNEIDER
GRAVURAS:
• GRAVURA QUE ACOMPANHA O TEXTO *PAUSA*, DE AUTORIA ANÔNIMA
• GRAVURA QUE ACOMPANHA O POEMA *ENTRE FUMAÇAS*, DE AUTORIA DE WALTER ABREU
• PINTURAS QUE ESTÃO NA IMAGEM QUE ACOMPANHA O POEMA *AS VIDAS DE ZULMA*, DE AUTORIA DE ALBA.

PROJETO GRÁFICO / DIAGRAMAÇÃO
LUCILA PESSOA

ESTABELECIMENTO DOS TEXTOS
LUCILA PESSOA E RICARDO PREUSZ SPILBORGHS

FONTE TIPOGRÁFICA UTILIZADA
GILL SANS – CRIADA POR ERIC GILL DE 1927 A 1930

A totalidade deste conteúdo está licenciada sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International

BY-NC-ND